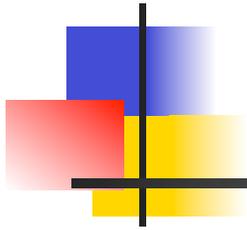
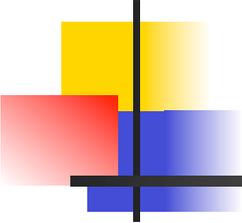


# Os territórios da livre improvisação

Prof. Rogério Costa - Departamento de  
Música da ECA/USP

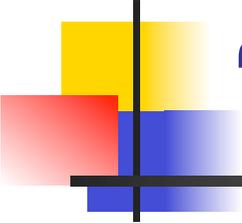




# Improvisação livre

---

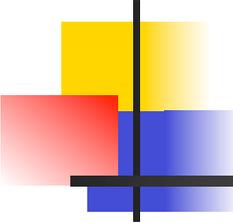
- *é uma prática democrática, não hierarquizada e geralmente coletiva.*
- é música de tocar, experimental, com ênfase no processo: pensamento musical em ação.
  - não se preocupa em gerar obras, ou espetáculos.
    - parte da idéia de que o músico é um criador.
  - (portanto, não existem as figuras separadas do compositor e do intérprete).
- é uma construção coletiva e interativa em tempo real, por isso pode ser pensada como uma espécie de jogo ou conversa (uma conversa onde não se comunica nada...).
- bom mesmo é participar: nem sempre é bom assistir uma conversa...



# No que diz respeito aos “métodos”

---

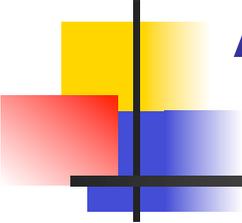
- *“o improvisador emprega o mais antigo dos procedimentos... Diversidade é a sua característica mais consistente. Não tem nenhum comprometimento estilístico ou idiomático... As características da improvisação livre são estabelecidas unicamente pela identidade sonora da pessoa ou das pessoas que estão tocando. Historicamente, precede qualquer outra forma de música - a primeira performance musical da humanidade não pode ter sido outra coisa a não ser uma improvisação livre (antes de se constituírem identidades, territórios, idiomas, sistemas, etc.).*
- *se por um lado pode ser uma atividade que exige altíssimo nível de conhecimento musical, por outro pode ser desempenhada por quase qualquer um - iniciantes, crianças e não-músicos. A habilidade e o conhecimento requeridos são os que estiverem disponíveis. Pode ser uma atividade de enorme complexidade e sofisticação ou a mais simples e direta expressão: resultado de uma vida de estudo e dedicação ou uma atividade diletante (Bailey, Derek, p.83, 1993)” .*



# O menino e a folha de capim

---

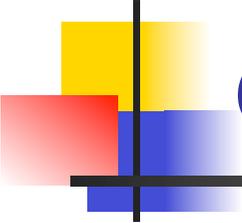
- *O homo faber envelhecido só toca stradivarius. É preciso, portanto, rejuvenescer os quadros. Vamos escutar um menino que apanhou uma folha adequada, espicha-a entre as suas duas palmas e agora a sopra, enquanto o côncavo das suas mãos lhe serve de ressonador...ele escolheu, por sua própria conta, entre as fontes de sons, uma que lhe parecia das convenientes à sua atividade. Com efeito, esse menino experimenta os seus sons uns após os outros, e o problema que ele coloca é menos o da identificação do que o do estilo de fabricação. Por outro lado, a sua intenção é visivelmente 'música'. Se o resultado não parecer musical aos seus ouvintes exasperados, não se poderia negar ao autor uma intenção estética, ou pelo menos uma atividade artística...O seu objetivo é gratuito, senão gracioso; confessêmo-lo, ele é mesmo musical. Não satisfeito em emitir sons, ele os compara, ele os julga, acha-os mais ou menos bem sucedidos, e a sua sucessão mais ou menos satisfatória. Como havíamos dito do homem de Neanderthal, se esse menino não faz música, quem a faz então?... O que escuta então o ouvinte, mesmo negligente, mesmo reticente, mesmo hostil? Por um momento - o que não é de hábito - objetos sonoros...O nosso ouvinte ficará limitado a suportar uma coleção de objetos desprovidos de sentido musical...Obrigado a escutar, pois os objetos são agressivos, ele formará, implicitamente julgamentos de valor. Chegará até a murmurar...: 'Eis aí um mais bem sucedido que os outros'...Não se escuta mais o som pelo evento, mas o evento sonoro em si mesmo (Schaeffer, 1993, p.283,284).*



# Amar os sons

---

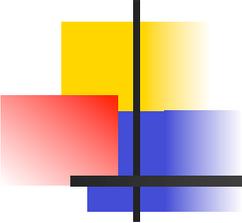
Dentro desta perspectiva é preciso, parafraseando Cage, amar os sons: o músico é aquele que ama os sons antes de qualquer sistema que os organize. E na livre improvisação o músico ama jogar coletivamente com os sons, criar fluxos interativos de som.



# Scelsi e a viagem ao centro do som

---

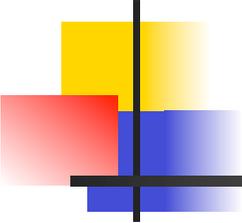
- “Scelsi encontrou este caminho de entrada focando no ponto de origem de toda a música - o som em si mesmo. Inerente à natureza de qualquer som é a sua identidade vibracional, que pode ser reduzida a detalhes microscópicos em padrões particulares, como partículas atômicas constituídas por núcleos circundados por elétrons em movimento”.



# Preparando o ambiente

---

- A improvisação livre é uma proposta de socialização do fazer musical. Ela coloca na mão dos músicos participantes toda a responsabilidade e plenitude de um fazer musical não mediado. Trata-se de uma intensificação do presente. Ser, neste momento. Agora. Mas o que dá consistência a esta prática, o que torna a improvisação “eficiente”? Tentemos fazer uma analogia com a conversa ou com o jogo. O que dá consistência a uma conversa?
- Obviamente, não se parte do nada. Os idiomas, as técnicas, os sistemas estão presentes na biografia de cada um. Porém, para a improvisação livre é preciso desestruturar os idiomas, as técnicas e os sistemas tradicionais, criando um terreno comum para as “conversas”. Criar novas técnicas. Repensar a idéia de instrumento. O som está antes da música. A partir dos territórios é preciso desterritorializar. A improvisação deve então se dar a partir de um gesto instrumental renovado e do sonoro e não a partir dos idiomas.

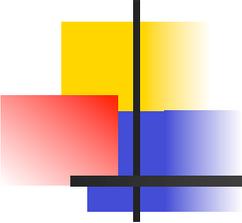


# Pré-requisitos

---

- Desejo: de produção, de interação.
- Escuta reduzida: partimos do som que é o material bruto da música. Não há sistemas, melodias, harmonias, escalas, modos.
  - Escuta: de si, do outro e do conjunto.
    - Concentração.
    - Idéia de conversa/jogo.

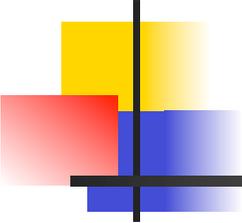
Na improvisação não há erro, há regras de conduta.



# Partindo do Som

---

- O material da ação musical não é a melodia, a harmonia, as frases, as notas e sim o som vivo, de natureza vibracional sem a mediação de nenhuma linguagem. A nota é uma representação da duração e da frequência. O som é diferente: possui envelope dinâmico (ataque, corpo, decay, duração, ressonância, etc.), envelope espectral (constituição de parciais e sua evolução dinâmica).
- Através de algumas metáforas podemos pensar nas forças e energias envolvidas na música: temporalidades (como a música esculpe o tempo), fluxos, simultaneidades, transformações, metamorfoses, desdobramentos, ressonâncias, densidades, texturas, planos, camadas, direcionalidades, movimentos, acumulações, saturações, etc.
- É importante que cada um pense em formas de integração no fluxo da improvisação: a partir da escuta e do gesto instrumental.



# Exercícios iniciais

---

- Eu e meu instrumento. **Aquecimento** solitário e simultâneo . Entrar em contato com o instrumento. Deixando aflorar o caos, os idiomas, as biografias, técnicas, etc. Empirismo, invenção de técnicas.
- **Exercícios para a escuta intensa e concentrada:** escolher um som e tocar. Variar. Impulsionar. Ouvir o próprio **som**. Buscar a intimidade e a concentração. Observar: O som não é um objeto estático, é uma energia em movimento.
- Procurar integrar este som no todo. Brincar com as dinâmicas, timbres e articulações sutilmente, ouvindo o resultado de sua ação sobre o todo. Este todo será uma grande massa sonora que resulta da ação de todos. Esta massa será como um corpo pulsante que vibra de maneiras imprevisíveis devido à ação microscópica de cada participante.  
Podemos usar a voz: Stimmung/Stockhausen.